

**A INFLUÊNCIA DO CLIMA NOS IMIGRANTES  
EUROPEUS DO VALE DO ITAJAÍ-SC  
(SÉCULO XIX)**  
**THE INFLUENCE OF CLIMATE ON EUROPEAN  
IMMIGRANTS FROM VALE DO ITAJAÍ-SC  
(19TH CENTURY)**

GILBERTO FRIEDENREICH DOS SANTOS\*  
SUZANA BEATRIZ PETTERS\*\*  
JULIANO JOÃO NAZÁRIO\*\*\*  
MARTIN STABEL GARROTE\*\*\*\*

**Resumo:** No século XIX, o clima representou uma das dificuldades para o estabelecimento e adaptação dos colonos europeus no Vale do Itajaí (SC). O objetivo foi descrever e analisar as impressões dos relatos de viajantes, de Dr. Hermann Blumenau e de imigrantes sobre o aclimatamento dos colonos europeus no Vale do Itajaí no século XIX e início do século XX. Nas fontes analisadas, prevalecem afirmações condizentes à colonização da região para os imigrantes europeus ao atribuírem um clima ameno e saudável. O clima condicionou mudanças nos hábitos dos colonos e serviu de propaganda associada a fatores de saúde e progresso para atrair novos imigrantes.

**Palavras-chave:** Aclimatamento; Imigrantes; Vale do Itajaí-SC.

**Abstract:** In the 19th century, the climate represented one of the difficulties for the establishment and adaptation of European settlers in the Itajaí Valley (SC). The objective was to describe and analyze the impressions of travellers' reports, by Dr. Hermann Blumenau and immigrants on the acclimatization of European settlers in the Itajaí Valley in the 19th and early 20th centuries. In the analyzed sources, statements consistent with the colonization of the region for European immigrants prevail, as they attribute a mild and healthy climate. The climate conditioned changes in the settlers' habits and served as propaganda associated with health and progress factors to attract new immigrants.

**Keywords:** Acclimatization; immigrants; Itajaí Valley-SC.

---

\* Doutor em Geografia Física pela Universidade de São Paulo. Professor do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Regional de Blumenau. (frieden@furb.br)

\*\* Graduada de História, bolsista UNIEDU no Grupo de Pesquisa de História Ambiental do Vale do Itajaí (GPHAVI), Universidade Regional de Blumenau. (beatrizsussurro@gmail.com)

\*\*\* Graduado em História, bolsista UNIEDU no Grupo de Pesquisa de História Ambiental do Vale do Itajaí (GPHAVI), Universidade Regional de Blumenau. (Nazário.julianoj@gmail.com)

\*\*\*\* Martin Stabel Garrote, Doutor, pesquisador no Grupo de Pesquisa de História Ambiental do Vale do Itajaí (GPHAVI), da Universidade Regional de Blumenau. (martin\_stabelgarrote@yahoo.com.br)

O tema do presente artigo se enquadra nas chamadas Humanidades Ambientais, enfatizando o papel da História do clima na dinâmica de desenvolvimento das populações humanas em um determinado espaço geográfico. O ambiente é um espaço geográfico vívido, onde ocorrem relações biogeográficas que configuram no tempo uma História Natural e Ambiental com a espécie humana. As configurações abióticas do meio estabelecem condições para a vida, entre elas, o clima exerce um papel importante nas suas configurações bióticas. Da mesma forma que outros seres vivos, com as populações humanas ocorreram o mesmo, e muitas de suas características culturais foram influenciadas conforme as condições abióticas, como o clima do ambiente vivido.

No século XIX, na região Sul do Brasil, dá-se início a um processo de imigração europeia, principalmente com imigrantes alemães e italianos povoando a região do Vale do Itajaí, em Santa Catarina. A região possui características abióticas e bióticas totalmente diferentes das vivenciadas na terra natal desses imigrantes, entre elas, o clima. O clima do novo ambiente representou um dos principais desafios durante a colonização da região sul do Brasil.<sup>1</sup>

O clima é um dos elementos da natureza que geraram manifestações em diversos documentos históricos do século XIX e início do século XX, entre os quais o processo de aclimação dos imigrantes europeus. No caso do Vale do Itajaí, os efeitos desse processo estão registrados nos relatos de viajantes que ali estiveram no período, nas cartas dos imigrantes, assim como nos registros de Dr. Blumenau, empreendedor da colonização da região. A colônia de Blumenau, segundo Cristina Ferreira<sup>2</sup>, foi território de análise de diversos naturalistas e viajantes, e deles diversas fontes identificam os hábitos, costumes e sociabilidades dos imigrantes em seu novo ambiente. A partir disso, o objetivo foi analisar como ocorreu o processo do aclimatamento de imigrantes europeus no Vale do Itajaí no século XIX e início do século XX, através dos relatos de viajantes, do Dr. Blumenau e de imigrantes europeus.

Compreender de que forma o clima influenciou a dinâmica da colonização no Vale do Itajaí, em específico o aclimatamento de imigrantes europeus, produz um conhecimento que dialoga com os principais assuntos abordados pela História Ambiental, como o Antropoceno, assim como pelas Humanidades Ambientais. Entre eles, entender de que forma o clima, a

---

<sup>1</sup> RELLY, Eduardo. A agricultura e floresta dos alemães no Brasil: mobilidade, conhecimentos e transfers no Urwald (século XIX). *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, jan./abr., p. 1-16, 2020.

<sup>2</sup> FERREIRA, Cristina. Identidade e cidadania na comunidade teuto-brasileira do Vale do Itajaí. In: Ferreira, C.; Frotscher, M. (Orgs.). *Visões do vale: perspectivas historiográficas recentes*. Blumenau. Editora Nova Letra, 2000.

partir das percepções humanas, vem se modificando, e com as modificações, de que forma a própria vida humana sofreu mudanças ao longo da História. Levando em consideração o Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas<sup>3</sup>, informações do clima no Brasil nos últimos 1.000 anos estão dispersas em diversas fontes e demandam novas análises interdisciplinares. Dessa forma, este estudo contribui para entender de que maneira o clima vem sendo um fator determinante nos processos de desenvolvimento da sociedade humana, apresentando elementos que mostram o processo de aclimatação dos imigrantes europeus do Vale do Itajaí, em Santa Catarina.

Nem sempre os historiadores prestaram atenção na participação do clima e dos processos naturais na construção da história humana, apropriando-se da história ambiental em suas pesquisas no final do século XX. Como ramificação da ciência histórica, a história ambiental é “um campo que sintetiza muitas contribuições e cuja prática é inerentemente interdisciplinar” e que busca “colocar a sociedade na natureza”.<sup>4</sup> Todos fazemos parte do meio ambiente, e “grandes processos naturais e planetários, mesmo sem interferência originária do homem (mas incidindo sobre este), podem produzir vestígios que oportunamente poderão conformar fontes históricas”.<sup>5</sup>

A História do clima vai além da “longa duração” de Braudel. O clima não é e nunca foi uniforme em todo o planeta. A temperatura média da terra é de 14°C, mas “em diferentes regiões, a temperatura média local pode atingir valores muito mais altos, ultrapassando 50°C em regiões equatoriais, ou muito mais baixos, inferiores a 80°C negativos nas proximidades do Polo Sul”.<sup>6</sup> A variabilidade de terrenos, montanhas, florestas e desertos influem na formação de mesoclimas e microclimas.

[...] o clima no Brasil, assim como praticamente em toda a América do Sul, é fortemente determinado pelas interações oceano-atmosfera no oceano Pacífico, a maior extensão de água sobre o planeta (cerca de 1/3 da superfície da Terra). Fenômenos cíclicos como o El Niño e as oscilações decenais do Pacífico exercem forte influência na variabilidade do clima regional, assim como no resto do planeta.<sup>7</sup>

A abertura dos portos brasileiros no início do século XIX permite a entrada de

---

<sup>3</sup> PAINEL BRASILEIRO DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS. Base científica das mudanças climáticas. **Contribuição do Grupo de Trabalho 1 do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas ao Primeiro Relatório da Avaliação Nacional sobre Mudanças Climáticas** (AMBRIZZI, T.; ARAUJO, M., eds.). COPPE: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 464 p.

<sup>4</sup> DRUMMOND, José A. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 177-197, 1991, p. 185.

<sup>5</sup> BARROS, José D'Assunção. **Fontes históricas**: introdução aos seus usos historiográficos. Editora Vozes, 2019, p. 16

<sup>6</sup> CAMPOS, Edmo. J. D. O papel do oceano nas mudanças climáticas globais. **Revista USP**, São Paulo, n. 103, p. 55-66, 2014, p. 59.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 64.

inúmeros viajantes estrangeiros, curiosos com os aspectos naturais e humanos de uma terra vista como exótica, estranha e cheia de possibilidades. A natureza brasileira representou um fator de atração e de interesse para viajantes, para desbravamento, conhecimento e de registros a serem levados para a Europa. O Vale do Itajaí não é exceção dessa lógica processual de “desbravamento”, concretizada com a colonização no século XIX. Valmir Muraro afirma que a colonização representa uma dominação.<sup>8</sup> No século XIX:

[...] o sul do país era visto como um espaço de florestas, de animais e de pequenas populações dispersas em vilarejos precários. Florestas e animais eram tidos como indicadores de falta de progresso, de civilização e de homens vocacionados para empreendimentos e para o trabalho moderno.<sup>9</sup>

Blumenau começou a ser colonizada a partir de “um projeto de colonização, encaminhado ao governo da Província de Santa Catarina em 1848, pelo alemão Hermann Bruno Otto Blumenau”.<sup>10</sup> Originalmente de posse do Dr. Blumenau, a colônia, em 1860, por motivos financeiros é transferida para o Governo Imperial que “assume a responsabilidade e prossegue à colonização e imigração”.<sup>11</sup>

A região Sul do Brasil foi território de estudo por diversos naturalistas e viajantes, “sendo que estes últimos foram os responsáveis pela elaboração de narrativas de viagens, construindo descrições detalhadas dos hábitos, costumes e sociabilidades dos imigrantes”.<sup>12</sup> A autora cita Flora Süssekind, que distingue ambos ao percorrerem novos territórios. Os viajantes descrevem a paisagem brasileira e os naturalistas classificam em coleções e mapas as descobertas.

Sobre os viajantes, é importante considerar que “o relato de viagem nem sempre trata daquilo que o viajante viu, na hora em que viu e como as coisas se deram”.<sup>13</sup> E “o olhar de uma pessoa sobre determinada realidade quase sempre expressa sua formação, suas concepções, conceitos e preconceitos a respeito daquilo que ela observa e das opiniões que

<sup>8</sup> MURARO, Valmir F. Sobre fronteiras e colonização. In: RADIN, José Carlos; VELENTINE, Delmir José; ZARTH, Paulo A. (org). **História da Fronteira Sul**. Chapecó: Ed. UFFS, 2016. p. 167-189.

<sup>9</sup> CAROLA, Carlos R. A colonização e a mineração no sul de Santa Catarina, Brasil: uma história regional de dois modelos econômicos de alto impacto socioambiental (1875-1946). In: Klanovicz, J.; Arruda, G.; Carvalho, E. B. de (Orgs.). **História Ambiental no sul do Brasil**: apropriações do mundo natural. São Paulo: Alameda, 2012, p. 20.

<sup>10</sup> NICOCÉLI, Vanessa; FERREIRA, Cristina. O regresso do colonizador: representações, usos da memória e mito fundador em Blumenau – 1974. Blumenau, **Blumenau em Cadernos**, t. 52, n. 6, nov-dez, 2011, p. 23.

<sup>11</sup> OLIVEIRA, Mariana Luiza de; FERREIRA, Cristina. A Colônia Blumenau nas exposições universais: premiações e representações (1860-1883). Blumenau, **Blumenau em Cadernos**, t. 52, n. 5, set-out, 2011, p. 21.

<sup>12</sup> FERREIRA, Cristina. Identidade e cidadania na comunidade teuto-brasileira do Vale do Itajaí. In: Ferreira, C.; Frotscher, M. (Orgs.). **Visões do vale**: perspectivas historiográficas recentes. Blumenau. Editora Nova Letra, 2000, p. 74.

<sup>13</sup> JUNQUEIRA, Mary A. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: JUNQUEIRA, M. A.; FRANCO, S. M. S. (Orgs.). São Paulo, **Cadernos de Seminários de Pesquisa**, v. 2, USP: Humanitas, 2011, p. 50.

emite”<sup>14</sup>. Não há uma ideia “imparcial”, há uma realidade temporal em que a pessoa está inserida.

Ser um naturalista no século XIX “implicava compreender tudo o que dizia respeito ao mundo natural, desde os minerais, passando pela fauna e flora, até os fenômenos climáticos, geográficos e astronômicos”.<sup>15</sup> Para os viajantes exploradores em geral, “é imprescindível salientar que um número considerável de viagens realizadas durante o século XIX dialogou com a de Alexander Von Humboldt, pelas Américas, entre 1799 e 1804”.<sup>16</sup> Não chegaram aqui sem nada em mente, mas com a imagem que Von Humboldt os forneceu através de sua escrita.

As práticas de escrita refletem o momento histórico em que os colonos se encontravam; suas cartas possuem um tom saudosista, nostálgico, e ao mesmo tempo construíram noções de espaço e tempo. Segundo Marlon Salomon: “para os historiadores, elas [as cartas e correspondências] são documentos privilegiados desta história”.<sup>17</sup> Ao destacar o termo *desta* história, o autor se refere ao fato de que o cotidiano descrito nas cartas e correspondências é apenas *uma* representação das diversas possíveis. Por representação, entende-se que “são matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de forças integradora e coesiva, bem como explicativa do real”.<sup>18</sup>

Uma das dificuldades enfrentadas pelos imigrantes do século XIX foi o clima<sup>19</sup>, ou seja, a adaptação às condições ambientais em uma região diferente. Estudos de Ricardo Araki<sup>20</sup>, no território paulista, apontam tendência de um clima mais frio durante a pequena idade do gelo, que se manifestou principalmente no hemisfério norte dos séculos XIV ao XIX.

A área de estudo corresponde a um território presente no Escudo Cristalino Atlântico, na Serra do Itajaí, onde se formou em milhares de anos a Bacia Hidrográfica do Itajaí, região também chamada de Vale do Itajaí, no nordeste de Santa Catarina. A delimitação temporal da pesquisa abrange o século XIX e a primeira década do século XX, momento em que ocorre

---

<sup>14</sup> SARAT, Magda. Literatura de viagem: olhares sobre o Brasil nos registros de viajantes estrangeiros. **Patrimônio e Memória**, Assis, v. 7, n. 2, dez., p. 33-54, 2011, p. 40.

<sup>15</sup> LISBOA, Karen Macknow. O Brasil dos naturalistas Spix e Martius. **Acervo**, v. 22, n. 1, jan-jun, p. 179-194, 2011, p. 180.

<sup>16</sup> JUNQUEIRA, Mary A. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: JUNQUEIRA, M. A.; FRANCO, S. M. S. (Orgs.). São Paulo, **Cadernos de Seminários de Pesquisa**, v. 2, USP: Humanitas, 2011, p. 50.

<sup>17</sup> SALOMON, Marlon. Arquivologia das Correspondências. Rio de Janeiro: **Forense Universitária**, 2010, p. 31.

<sup>18</sup> PESAVENTO, Sandra J. **História & história cultural**. 2ª Edição, Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 39.

<sup>19</sup> RELLY, Eduardo. A agricultura e floresta dos alemães no Brasil: mobilidade, conhecimentos e transfers no Urwald (século XIX). **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, jan./abr., p. 1-16, 2020.

<sup>20</sup> ARAKI, Ricardo. **A história do clima de São Paulo**. 2012. 208 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

um processo de imigração europeia e aclimatamento de imigrantes a partir da Colônia Blumenau. O recorte temporal e espacial justifica-se pelo fato de compreender um período de forte migração para o Brasil e início de uma colonização europeia efetiva do interior da bacia, coincidindo com a passagem de inúmeros viajantes e com a administração do fundador da colônia, que estimulou a imigração para a região.

Foram levantadas e analisadas fontes secundárias, em relatórios, cartas e diversas publicações documentadas e acessíveis no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, na Hemeroteca Digital Catarinense, na coleção da *Revista Blumenau em Cadernos* e em publicações coletadas na Biblioteca Universitária Professor Martinho Cardoso da Veiga.

Os dados foram retirados dos relatos de viajantes, imigrantes e do Dr. Blumenau. Essas fontes estão presentes em livros, relatórios, cartas e correspondências, e apresentam dados do processo de aclimatamento dos imigrantes no baixo e médio Vale do Itajaí. Como importante fonte de pesquisa, a revista *Blumenau em Cadernos*, impressa desde a década de 1950, apresenta em seus diversos volumes uma grande diversidade e variedade de artigos, tradução de documentos originais, relatórios e cartas de imigrantes.<sup>21</sup>

Outra fonte analisada são os dois tomos da *Colônia Blumenau no sul do Brasil*, uma publicação de 2019 com diversos documentos históricos (relatos de viajantes e naturalistas, biografias e cartas) que englobam aspectos sociais, econômicos, culturais e ambientais. Trata-se de outra importante fonte de pesquisa para a História Ambiental da Colônia Blumenau no século XIX e início do século XX.

Muitas informações que os imigrantes registravam são encontradas nas cartas de correspondência familiar. O estudo das cartas e correspondências é um campo tecnicamente recente, mas estas não possuem sentido nenhum a menos que façamos nossos questionamentos sobre o documento.<sup>22</sup> Salomon estabelece categorias distintas para as correspondências ou cartas no nordeste de Santa Catarina: a primeira, as privadas trocadas pelas famílias; a segunda, também privadas que são publicadas e conhecidas pelo público. E outro tipo de carta foram as correspondências trocadas entre o administrador da colônia e os

---

<sup>21</sup> SANTOS, Manoel Teixeira dos. **Vida e trabalho na floresta**: uma análise da interação entre imigrantes e a floresta nas colônias do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina durante a segunda metade do século XIX. 2004. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>22</sup> VOIGT, André F. **Cartas reveladas**: a troca de correspondências entre Hermann Blumenau e Johann Jacob Sturz. Blumenau: Cultura em Movimento, 2004.

governantes do estado ou do país. Esses três tipos são muito comuns na região nos séculos XIX e XX.<sup>23</sup>

Débora Alves afirma que as cartas publicadas devem ser tratadas de forma diferenciada pelos historiadores em relação às cartas não publicadas. As primeiras têm autenticidade e integridade discutíveis, “pois serviam ao objetivo de arregimentar emigrantes para um determinado país”.<sup>24</sup> No artigo *Notícias de Blumenau: Cartas dos irmãos Weise publicadas nos jornais da Turíngia*, salienta que:

É bem possível que um editor, como Günther Frobel por exemplo, tenha, em relação ao Brasil, selecionado aquelas cartas que estavam de acordo com os seus ideais e que tenha excluído trechos que podiam prejudicar a imagem do país. Pode até ser que ele tenha sido pago, por fazendeiros, para inserir somente aquelas que elogiassem o sistema de parceria ou mesmo, que os próprios colonos tenham sido obrigados, pelos cafeicultores, a redigir o que lhes era ditado. Entretanto, essas cartas davam informações importantes sobre a emigração alemã e transmitiam para os seus destinatários uma impressão do país de cunho pessoal. Mas, a partir do momento em que eram publicadas, passavam a ser de domínio público, desempenhando o papel de incentivar um grande número de pessoas a emigrar, através da construção de uma determinada imagem do país de destino. As cartas dos irmãos Weise, ricas em informações, devem ser lidas dentro desta perspectiva, isto é, a de uma estratégia de propaganda para a colônia Blumenau.<sup>25</sup>

Para não tomar o conteúdo das correspondências como verdade bruta, faz-se necessário a utilização de outras fontes para contrapor as informações analisadas, já que “[...] a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a ‘sua’ verdade. Ou seja, toda essa documentação de ‘produção do eu’ é entendida como marcada pela busca de um ‘efeito de verdade’”.<sup>26</sup> Para a pesquisa, foram utilizados, além das cartas de imigrantes, relatos de viajantes e relatórios do Dr. Blumenau, com o objetivo não sendo de “[...] encontrar no documento a versão mais verdadeira de um tempo pretérito, porém identificar como o real foi pensado, escrito e dado a ler pelos contemporâneos dos acontecimentos”.<sup>27</sup>

É também muito recente, fruto da segunda metade do século XX, a ideia de que o meio ambiente pode ser utilizado como um documento para o estudo da História, mesmo que já fosse considerado em diversos trabalhos antes da área se concretizar como ramo do conhecimento como é possível observar nos estudos de Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior entre outros. A análise dos dados levantados para entendermos o processo de

<sup>23</sup> SALOMON, Marlon J. **As correspondências: uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002, 103 p. il.

<sup>24</sup> ALVES, Débora B. *Notícias de Blumenau: cartas dos irmãos Weise publicadas nos jornais da Turíngia. Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. XLI, n. 11/12, nov./dez., p. 66-73, 2000, p. 68.

<sup>25</sup> *Ibidem*, 68-69.

<sup>26</sup> GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004, p. 14.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 112.

aclimatamento de imigrantes no Vale do Itajaí no século XIX e início do XX se encontra ligada à História Ambiental, um campo da Historiografia que surgiu nas últimas décadas do século XX e que procura compreender as relações do passado com o presente, entre sociedade e natureza, entre historiadores e o meio ambiente.<sup>28</sup>

Nesta perspectiva autores como Donald Worster<sup>29</sup>, José Drummond<sup>30</sup> e José Augusto Pádua<sup>31</sup> apontam a necessidade de entender a história humana partir da dimensão ambiental, uma vez que todas as outras, como a econômica, política, social, religiosa e cultural são intrínsecas das condições do ambiente no processo histórico de cada sociedade. Os dados analisados a partir da abordagem teórica metodológica da História Ambiental foram organizados cronologicamente.

Ao mudarem-se para outro país, os imigrantes deparam-se com as mais variadas diferenças culturais, sociais, econômicas e ambientais. Na análise do discurso dos viajantes, dos imigrantes e do Dr. Blumenau, constata-se a influência das condições climáticas da colônia na adaptação dos imigrantes, valendo-se que “Todo o discurso tem uma relação de coexistência com outros discursos com os quais compartilha enunciados, conceitos, objetivos, estratégias”.<sup>32</sup>

Em 1850, Hoffmann, que permanecera poucos dias na Colônia Blumenau, em carta enviada para Alemanha, atribui ao clima um aspecto favorável à colonização da região. Afirma ser saudável e expressa a sua satisfação de que “O clima aqui também é muito bom; muitos dos que chegam aqui doentes e enfraquecidos são curados pela natureza; só se conhece poucas doenças, as pessoas ficam idosas facilmente” e os “[...] dias de calor, sempre refrescados por temporais ou pela brisa marinha”.<sup>33</sup>

Baumgarten, imigrante da Alemanha (junho de 1853), em carta de 26 de outubro do mesmo ano, relata as dificuldades de desenvolver as suas atividades na roça devido à adaptação às condições climáticas.

Estou satisfeito por ter uma mulher à frente dos afazeres domésticos, pois já há 14 dias não pude mais trabalhar na roça. Sofro com a aclimatização e todas estas semanas não calcei nem meias e muito menos sapatos. Meus pés estão enrolados em

<sup>28</sup> MARTINEZ, Paulo. **História ambiental no Brasil**: pesquisa e ensino. São Paulo: Cortez, 120 p., 2006.

<sup>29</sup> WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215, dez. 1991.

<sup>30</sup> DRUMMOND, José A. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 177-197, 1991.

<sup>31</sup> PADUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estud. av.**, São Paulo, v. 24, n. 68, p. 81-101, 2010.

<sup>32</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. A dimensão retórica da historiografia. In: PINSKY, C. BASSANEZI; LUCA, T. R. de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 235.

<sup>33</sup> HOFFMANN, Erich. Do sul do Brasil. In: SCHMIDT-GERLACH, G. (Org.). **Colônia Blumenau no sul do Brasil**. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2019, p. 46.

panos e com dificuldade posso ir até ao jardim. O corpo está coberto por abcessos e sinto dores de cabeça e fraqueza. [...] Infelizmente só hoje, dia 8 de novembro, posso continuar a minha carta, pois devido ao meu estado de saúde tão precário, não foi possível fazê-lo. Até o presente momento a aclimatização me deu muito trabalho e me colocou na impossibilidade de fazer qualquer trabalho.<sup>34</sup>

A carta descreve a dificuldade inicial de Baumgarten em se aclimatizar no novo território. Menos de um ano depois, em carta de 1 de abril de 1854, descreve o clima da colônia como “ameno e saudável”, e “De março a outubro é uma contínua primavera e os meses [sic] de verão são mais quentes que na Alemanha, é verdade, mas bem suportáveis e o calor é abrandado pelos ventos que regularmente sopram do mar e de terra e que tornam as noites frescas e agradáveis”.<sup>35</sup> Os imigrantes, após meio ano, estão aclimatizados. Baumgarten descreve a paisagem e as atividades econômicas desenvolvidas na colônia, e o início da publicação na *Blumenau em Cadernos* aponta a sua simpatia em relação ao Dr. Blumenau.

Júlio Bamgarten escreveu êsses apontamentos no evidente propósito de ajudar o fundador, de solidarizar-se com êle nos seus esforços e preocupações, de chamar elementos da velha pátria, de desfazer boatos e intrigas de gente interessada em desviar a corrente emigratória alemã para a América do Norte.<sup>36</sup>

Em 1855, Dr. Blumenau associa o clima da Província de Santa Catarina com a aparência dos seus habitantes. Excetuando algumas localidades da província, o seu clima “[...] era considerado excepcional pelos navegadores de outrora. A aparência saudável e o bem-estar da população, principalmente dos habitantes do interior, comprovam essa afirmação”.<sup>37</sup> Os relatórios do Dr. Blumenau no início da colônia tratam do aclimatamento dos colonos alemães.

Antes de estabelecer a sua colônia, Dr. Blumenau percorreria as províncias de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Um dos fatores apontados pelo fundador (1853) para selecionar o território da sua colônia foi a salubridade do clima graças à proximidade do mar. Identifica “[...] poucos casos de doenças entre os colonos, tanto entre aqueles que chegaram recentemente como entre os domiciliados já há 15 anos”.<sup>38</sup> Isso demonstra que o clima é saudável para os colonos, cujas dificuldades de adaptação eram rápidas, conforme relata o fundador da colônia em relatório de junho de 1855.

<sup>34</sup> BAUMGARTEN, Karl J. Carta de 26.10.1853. In: SCHMIDT-GERLACH, Gilberto (Org.). **Colônia Blumenau no sul do Brasil**. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2019, p. 71-72.

<sup>35</sup> APONTAMENTOS de Júlio Baumgarten. Blumenau: **Blumenau em Cadernos**, t. IV, n. 7, jul., p. 121-127, 1961, p. 126.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 121.

<sup>37</sup> BLUMENAU, Hermann B. O. **A Colônia Alemã Blumenau**: na província de Santa Catarina no sul do Brasil. Blumenau: Cultura em Movimento; Instituto Blumenau 150 anos, 2002, p. 21.

<sup>38</sup> RELATÓRIOS do Dr. Blumenau. Blumenau: **Blumenau em Cadernos**, t. I, n. 6, abr., p. 103-109, 1958, p. 103.

De um modo geral, o clima saudável trouxe efeitos benéficos para o organismo do imigrante alemão. Os problemas de aclimatização (pés inchados, erupções de pele, debilidade seguida de febre), desapareciam rapidamente com uma dieta e um estilo de vida adequado. A maioria dos imigrantes nem sequer foi atingida e alguns, apenas levemente, sem interferência no seu trabalho. De trezentos e nove imigrantes, somente uma criança de cinco anos teve febre intermitente, que logo foi superada. Dentre estas pessoas, não houve um óbito sequer que pudesse ser atribuído a uma doença adquirida no país. Dois dos oito óbitos que ocorreram foram logo após a chegada: uma mulher com febre héctica e um homem com disenteria forte. [...]. No entanto, em grande parte das Províncias do Sul, como também nesta região, alastrava-se uma oftalmia incômoda, embora inofensiva, notoriamente decorrente do esforço demasiado e de uma alimentação inadequada. No último verão, excepcionalmente quente, ocorreram várias doenças graves, devido à exposição da cabeça aos raios solares, sem a proteção adequada. Levando-se em conta o padecimento e as privações enfrentadas pelo imigrante no início, e o quanto o espírito e o corpo destas pessoas foram abalados no primeiro ano, podemos afirmar que o clima às margens do Itajaí é excepcional e, sem dúvida, muito saudável para a constituição física alemã.<sup>39</sup>

O verão é referente ao ano de 1855, momento em que Dr. Blumenau acusa um verão muito quente após cinco anos da fundação da colônia, e várias doenças, sem citá-las. Para o relatório do ano de 1856 (escrito em fevereiro de 1857), Dr. Blumenau cita as doenças que afetaram a população da colônia (habitantes do país, colonos recém-chegados e aclimatados) associando a um verão seco e calor intenso naquele ano.

O estado sanitário da colônia correu regularmente no primeiro semestre do ano próximo passado; no segundo porém e ainda atualmente não foi e é tão favorável como em igual estação dos anos anteriores e nunca havia tantas doenças em tôdas as partes do rio. Deram-se casos graves e até fatais de clorose ou afecção, quase assemelha ao mal da terra, de febres reumáticas, gástricas, pituitosas e nervosas, sobretudo desde o mês de Dezembro até o atual momento, que tanto atacavam os habitantes do país e colonos aclimatados, como os recém-chegados. As afecções reumáticas e gástricas, sem caráter grave, foram numerosas e delas também eu muito sofri e ainda estou sofrendo com poucos intervalos. Distinguiu-se sobretudo uma forma singular e aqui nunca observada de afecção nervosa-reumática, acompanhada de agudíssimas dores do nervo ciático que me atacava e com maior força a dois colonos recém-chegados, retendo a um quasi quatro, ao outro um mês no leito das dôres. O tempo sêco e o grande e inacostumado calor dos últimos meses, sem dúvida muito contribuía para se desenvolverem estas doenças e afecções e é de esperar que com o inverno e a regularidade das estações desapareçam e não tornem. Mandeí vir, por diversas vêzes, vacina e vacinei algumas crianças, porém nunca produziu efeito. Hei pois de continuar em novamente mandar.<sup>40</sup>

O clima também é apontado pelo Dr. Blumenau (1856) como um fator que tem gerado dificuldades para jovens recém-chegados, possuídos de pouco dinheiro, em se empregarem em alguma atividade.

[...], mui raras vêzes alguém os quer empregar nos seus trabalhos, nem de graça e só pela comida, ora por ser a superioridade da educação e das maneiras desagradável a muita gente de baixa condição, ora pelo medo de que não trabalhem bem e nem mesmo ganhem a comida, o quê, nos primeiros meses, quasi sempre acontece, ou

<sup>39</sup> BLUMENAU, Hermann B. O. **A Colônia Alemã Blumenau**: na província de Santa Catarina no sul do Brasil. Blumenau: Cultura em Movimento; Instituto Blumenau 150 anos, 2002, p. 26-27.

<sup>40</sup> RELATÓRIOS do Dr. Blumenau 1856 (continuação). Blumenau: **Blumenau em Cadernos**, t. II, n. 2, fev., p. 25-28, 1959b, p. 26.

que adoeçam de pernas inchadas ou outras moléstias de aclimação, de que os casos muito se repetem<sup>41</sup>.

Para alcançar a prosperidade e atrair imigrantes alemães, Dr. Blumenau investiu em propaganda para divulgar o desenvolvimento da Colônia. Foram distribuídos na Alemanhamilhares de folhetos redigidos pelo Dr. Blumenau, que anexou um mapa para melhor entendimento, e um texto explicativo produzido por seu sobrinho, Reinhold Gaertner. Este descreve o Vale do Itajaí em 1855 como um lugar fértil e com recursos abundantes. Exalta o clima como salubre e agradável, e “Durante o verão, se revesa, por volta do meio dia, a brisa do mar com a aragem que, desde manhã cedo, sopra por todo o vale, vinda da região serrana”.<sup>42</sup> O texto elucida que os elementos da natureza e o clima foram utilizados em prol da caracterização da Colônia como um espaço agradável de se viver para estimular a vinda de imigrantes. Apesar do clima ter sido utilizado para fins de propaganda, os eventos a ele associados por diversas vezes assolaram os colonos. Enchentes, por exemplo, foram extensamente relatadas nos relatórios do Dr. Blumenau, bem como seus efeitos no desenvolvimento da colônia.

O verão é a estação mais difícil para o aclimatamento do colono recém-chegado, “Mas, esses incômodos, como explicava o Dr. Blumenau, passavam com brevidade, sobretudo se o colono adotava métodos de alimentação e de trabalhos adequados ao meio”.<sup>43</sup> As cartas dos imigrantes irmãos Weise, escritas no período de setembro de 1855 a outubro de 1856, e publicadas no ano seguinte, mencionam o clima do Brasil. Na Alemanha circulava a ideia de que o clima tropical não era adequado para os europeus do Norte. Uma das cartas afirma que o calor não representava problema, acostumando-se logo, e o pouco de cor rosada perdido é adquirido novamente.<sup>44</sup>

No processo de adaptação dos imigrantes ao novo território as condições climáticas também condicionaram os hábitos alimentares. Baumgarten afirma que “Os estômagos alemães ressentem, especialmente, da falta de pão”.<sup>45</sup> Provavelmente referindo-se ao pão de

---

<sup>41</sup> RELATÓRIOS do Dr. Blumenau 1856 (continuação). Blumenau: **Blumenau em Cadernos**, t. II, n. 4, abr., p. 68-70, 1959a, p. 70.

<sup>42</sup> O VALE do Itajaí em 1855. Blumenau: **Blumenau em Cadernos**, t. III, n. 10, out., p. 181-185, 1960, p. 182.

<sup>43</sup> FERRAZ, Paulo M. Pequena história da colonização de Blumenau – 1850-1883 (continuação). **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, t. XVII, n. 4, abr., p. 121-136, 1976, p. 127-128.

<sup>44</sup> ALVES, Débora B. Notícias de Blumenau: cartas dos irmãos Weise publicadas nos jornais da Turíngia. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, t. XXI, n. 11/12, nov./dez., p. 66-73, 2000.

<sup>45</sup> APONTAMENTOS de Júlio Baumgarten. Blumenau: **Blumenau em Cadernos**, t. IV, n. 7, jul., p. 121-127, 1961, p. 124.

trigo, e de “manteiga e cerveja, pois, aqui, isso tudo deve ser substituído pela nem sempre boa carne-sêca, pelos bolinhos, pelo pirão de farinha de mandioca e pelo feijão preto”.<sup>46</sup>

Em carta enviada em maio de 1856, Weise escreve que o pão o agrada, sendo que “os gêneros alimentícios diferem pouco dos da Alemanha; a diferença principal constitui o pão, pois no clima quente não dá cereais como o trigo, sendo assim que aqui só temos pão de milho, que se faz de dois em dois dias”.<sup>47</sup> Outro exemplo da influência do clima nos hábitos alimentares dos imigrantes, é de “[...] grande parte da população” abastecer-se durante o inverno, “para a maior parte do seu consumo de carne, (o que se dá, segundo o costume da região, em três refeições diárias) com caça, abatida a tiro ou apanhada em armadilhas”.<sup>48</sup>

Lacmann<sup>49</sup>, em 1903, reconhece que a alimentação mudou significativamente para adaptarem-se ao ambiente. O alimento básico no país é o feijão, mais relevante do que a batata inglesa. A farinha também é básica e geralmente acompanha o feijão como pirão. Centeio e trigo não são cultivados no litoral de Santa Catarina, e o fubá de milho serve de base para o pão. A carne verde é encontrada somente nas cidades, e como substituta é consumida a carne seca ou charque.

As correspondências dos irmãos Kirschner são de opinião semelhante ao referirem-se ao clima. Em correspondências de 1856, os irmãos, imigrantes provenientes da Alemanha que se instalaram na colônia Blumenau em 1854, não manifestaram problemas de aclimatamento. Philipp Kirschner expressa sua satisfação com o avanço e a prosperidade da Colônia e contesta o exagero atribuído pelos europeus em relação ao calor e às doenças causadas no verão na colônia.

Nós, alemães, encontramos-nos como em nossa pátria, embora situados aos 27° de latitude sul, próximos à zona quente, pois, do eterno calor e das más doenças de que tanto se inventa na Europa, nós aqui não sentimos nada. A proximidade das costas do mar abranda, especialmente no verão, o calor, de forma que o clima para nós é perfeitamente suportável. Uma prova disso é, ao quanto sei, que nenhum dos colonos que aqui chegaram com saúde tivesse adoecido.<sup>50</sup>

Rudolph Kirschner, em outra correspondência, compartilha opinião semelhante à de seu irmão sobre o clima. Sente-se satisfeito e, apesar de ser mais elevada a temperatura do que na Alemanha, é suportável.

---

<sup>46</sup> *Ibidem*.

<sup>47</sup> DOS TEMPOS Da Colônia. Blumenau: **Blumenau em Cadernos**, t. VI, n. 5, mai., 1963, p. 95.

<sup>48</sup> O VALE do Itajaí em 1855. Blumenau. **Blumenau em Cadernos**, t. III, n. 10, out., p. 181-185, 1960, p. 184.

<sup>49</sup> LACMANN, W. Cavalgadas e Impressões no sul do Brasil. Blumenau. **Blumenau em Cadernos**, t. XXXVIII, v. 11/12, p. 09-55, 1997.

<sup>50</sup> INTERESSANTE Correspondência. Blumenau. **Blumenau em Cadernos**, t. 7, n. 10, p. 196-200, 1966, p. 196.

Os meses mais quentes são os de janeiro, fevereiro e março que constituem a força do verão. Há naturalmente, durante esta época do ano comumente de 7 até às 10 horas da manhã um forte calor, mas também, e só neste tempo, sopra um vento fresco do mar, o qual purifica o ar e alivia o corpo, de sorte que se suporta qualquer serviço durante todo o dia. O calor a que faço referências, aliás, não é tão forte que não se possa suportar, como muitos talvez pensem aí na Alemanha. Êle atinge, no máximo, poucos graus mais do que na nossa pátria. Em contrapartida nós não temos inverno e não temos que nos queixar de problemas sérios de saúde.<sup>51</sup>

Tschudi, ao percorrer a região em 1861, aponta aspectos naturais (clima e solo) favoráveis para o desenvolvimento da Colônia Blumenau. O clima é “saudável e condizente aos imigrantes alemães”, o solo em sua maior parte é de melhor qualidade e, em média, mais frutífero do que nos melhores trechos de Da. Francisca e a geada causa menos prejuízos na Colônia Blumenau”.<sup>52</sup>

Em 1864, Vince, ao percorrer a região compara o comportamento dos animais domésticos, considerando-os mais mansos do que os da Europa. E “Essa inércia dos animais é atribuída por alguns, talvez não sem motivo, ao clima excessivamente úmido, que exerceria grande influência em seu sistema nervoso”.<sup>53</sup> Os suínos eram alimentados “sobretudo com as raízes e o tronco da batata-margarida, de folhas largas, plantadas para esse fim. Com tal alimento, os pequenos porcos pretos do lugar engordam rapidamente, mas a sua carne torna-se algo adocicada e o toucinho mole demais”.<sup>54</sup>

A adaptação das técnicas de cultivo ao clima da região mobilizou os colonos para o desenvolvimento da agricultura. Os colonos formaram a agremiação “Culturverein der Colonie Blumenau” para discutirem a cultura científica de produtos da lavoura. A ata da 24ª reunião, de 14 de outubro de 1866, registra estratégias para enfrentarem o intenso frio que ocorre na Colônia Blumenau:

[...], o Sr. Schadrack propôs a importação de sementes de grama e capim dos Estados de La Plata, visto que aquelas qualidades eram mais resistentes às geadas, tendo sido encarregado o Sr. Friedenreich de tratar, talvez, por intermédio do Sr. Presidente da Província, da importação de tais sementes”.<sup>55</sup>

Hofmeister, botânico que permanecera alguns meses na Colônia Blumenau em 1873, considera o contato com a natureza benéfico, e as colônias situadas ao sul do Rio de Janeiro, de modo geral, de clima bom e solo fértil. Apresenta uma visão similar de relatos anteriores

---

<sup>51</sup> *Ibidem*, p. 200.

<sup>52</sup> TSCHUDI, Johann Jakob von. **As Colônias de Santa Catarina**. Blumenau: CNPq: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988, p. 51.

<sup>53</sup> VINCE, Szendrői Geöcze István Gyula Ignác. Viagem ao Brasil e Retorno. In: SCHMIDT-GERLACH, Gilberto (Org.). **Colônia Blumenau no sul do Brasil**. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2019, p. 136.

<sup>54</sup> *Ibidem*.

<sup>55</sup> KILIAN, Frederico. A “Culturverein”. Blumenau: **Blumenau em Cadernos**, t. II, n. 5, mai., p. 87-89, 1959, p. 89.

de viajantes e imigrantes. Revela, entre as dificuldades do imigrante, a sua adaptação às novas condições naturais e, de forma curiosa, a sua solução. Da mesma forma que Robert Avé-Lallemant, estabelece ligação do mal da terra nos colonos recentemente instalados, principalmente desencadeado no processo de desmatamento.

[...], registramos que muitos recém-chegados foram acometidos pelo “mal da terra” (febre de aclimatização), sobretudo no desmatamento. Mas, o bom senso popular descobriu uma medicação simples e barata. Muitas vezes, o autor destas linhas viu em casas de colonos, garrafas que continham suco de limão verde e pregos de ferro. O adoentado toma diariamente desta solução, o resto corre por conta do tempo.<sup>56</sup>

Em meados de 1882, Zöllner relaciona o clima com as condições de saúde dos europeus nórdicos, afetando-os principalmente no verão, que causa insolação em baixos índices, sem estabelecer vínculos com mortes.

Cólera e Febre Amarela não vieram para Blumenau e Joinville, mas sim a febre intermitente, provavelmente trazida pelos imigrantes lombardos do Vale do Pó e que me fez sofrer por alguns dias.

O verão não é propício para o estado de saúde dos Europeus nórdicos (Dinamarqueses, Pomeranos, Holsteiner, etc) e provoca mais doenças que o inverno. Chama a atenção a baixa incidência de casos de insolação; mesmo com a elevada temperatura, não houve um caso fatal durante os 30 anos de existência da Colônia.<sup>57</sup>

Christian Gustav Willhelm Müller, zoólogo e meio-irmão do famoso naturalista Fritz Müller, permaneceu por dois anos em Blumenau. Em carta escrita e enviada para a sua mãe na Alemanha no dia 14 de agosto de 1883, transcreve as impressões sobre o clima destacando as condições térmicas do inverno.

Do clima, até agora não tive do que me ressentir, ao menos nada, ou não muito, do calor; mas sim do frio. Por um bom tempo tivemos noites verdadeiramente frias; cedo pela manhã, tivemos +2 graus no jardim protegido e em outros locais 0 grau, com o que a gente tem todo direito de sentir frio, principalmente em lugares como aqui, onde faltam meios para se proteger do frio.<sup>58</sup>

Em outubro do mesmo ano, são as chuvas que ganham destaque no relato que faz à sua mãe: “Após cerca de 3 semanas de chuvas constantes, eu pude ter uma ideia do eterno céu azul do Brasil (Dr. Blumenau o enaltece em sua obra sobre o Brasil), agora o tempo principia a clarear [...]”.<sup>59</sup> No ano seguinte, janeiro de 1884, o verão faz-se notar na correspondência de Müller.

A temporada de calor já dura diversos meses e nós temos o sol queimando quase verticalmente sobre nossas cabeças; em consequência estivemos sofrendo com o calor. Há dias em que pela hora do almoço é insuportável de tão abafado, onde se tenta matar o tempo entre às 12-3 dormindo ou vadiando. Em tais dias, pelas 3 horas

<sup>56</sup> HOFMEISTER, Friedrich W. B. Das Colônias alemãs no Brasil. In: SCHMIDT-GERLACH, G. (Org.). **Colônia Blumenau no sul do Brasil**. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2019, p. 242.

<sup>57</sup> ZÖLLNER, Hugo. Os alemães na floresta brasileira. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, t. XXXI, n. 5, mai., p. 139-155, 1990, p. 146.

<sup>58</sup> ZILLIG, Cezar. **Fritz Müller, meu irmão**. Blumenau: Cultura em Movimento, 2004. p. 124.

<sup>59</sup> *Ibidem*.

costuma sobrevir um temporal, fazendo com que o resto do dia seja novamente agradável. Então, ao menos as noites são razoavelmente frescas, de tal forma que se pode dormir e não sejam, como foi até agora, tão quentes, fazendo a gente despertar mais cansado do que quando fora deitar.<sup>60</sup>

Christian em poucos meses registra significativas variações térmicas do inverno de 1883 para o início do verão de 1884. Também revelando como o clima influenciou na rotina daquela Blumenau, havendo horas do dia preenchidas por diferentes trabalhos em diferentes períodos do ano, devido ao calor ou ao frio, característicos das estações vigentes. A umidade do ar, no verão, também é descrita no relato, que apresenta como exemplo a dificuldade de acender um palito de fósforo.<sup>61</sup>

No final do século XIX, Von Greul, ao visitar os distritos de Blumenau e Brusque para analisar o desenvolvimento da região, constata insatisfação entre os pomeranos sobre o clima. Em 1897, relatório remetido pela Embaixada do Império Alemão sediado em Petrópolis (RJ) para o Chanceler Imperial, reconhece a tranquilidade das recém-criadas colônias alemãs e as dificuldades geográficas ao ouvir “abertamente algumas reclamações dos pomeranos sobre o clima quente, a infertilidade do sol em certos lugares, o preço baixo de seus produtos, além de sua dependência dos pequenos comerciantes, das chamadas vendas”.<sup>62</sup>

No final do século XIX e início do século XX, viajantes ainda tratam de forma positiva as condições climáticas da região. Outros mencionam mudanças físicas na aparência, mas sem representar uma degeneração ou inferiorização causada pelo clima tropical. Giesebrecht, enviado para conhecer a região, chegou a Blumenau em 1898. Ao visitar o trecho de Blumenau a Aquidaban, descreve os alemães assentados na Colônia Blumenau com “uma estrutura física forte, isenta de sinais típicos da degeneração tropical. As crianças que encontramos no caminho, [...], eram quase todas loiras e fortes, entre elas muitas meninas robustas e belas, que certamente seriam o orgulho em qualquer povoado da Alemanha”.<sup>63</sup> A partir da última localidade, destaca a presença de luso-brasileiros que se diferenciam da cultura germânica na forma de construir as choupanas e de cultivar a terra.

Gernhard, em 1900 também menciona o clima positivamente, pois “A região subtropical com seu clima saudável, sem montanhas subalpinas, oferece condições para a colonização. Aos turistas abastados recomendo uma viagem de recreio para o Paraná, Santa

---

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 142-143.

<sup>61</sup> ZILLIG, Cezar. **Fritz Müller, meu irmão**. Blumenau: Cultura em Movimento, 2004. p. 124.

<sup>62</sup> VON GREUL. As colônias alemãs nos distritos brasileiros de Blumenau e Brusque publicado por decisão dos membros do Senado 11/1897. Blumenau, **Blumenau em Cadernos**, t. XLIII, n. 07/08, jul./ago., p. 9-31, 2002, p. 19.

<sup>63</sup> GIESEBRECHT, F. E. Die Deutsche Kolonie Hansa in Südbrasilien. In: SCHMIDT-GERLACH, G. (Org.). **Colônia Blumenau no sul do Brasil**. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro p. 373-395, 2019, p. 382.

Catarina ou Rio Grande do Sul”.<sup>64</sup> O clima foi o motivo da vinda de alguns imigrantes, por exemplo, o quinto administrador de Blumenau, Dr. José Bonifácio da Cunha. Esse adoeceu durante a expedição Madeira-Mamoré, que prestou assinalados serviços, por isso “[...] em busca de clima mais ameno, veio para Blumenau em 1885”.<sup>65</sup>

Gernhard exalta a beleza da região, e em Blumenau o clima “é melhor do que o tão afamado clima de Nizza e aqui não se conhece epidemias”<sup>66</sup>. Reproduz um discurso de mais de 50 anos atrás sobre as vantagens do clima já realizadas pelo Dr. Blumenau e viajantes. O autor recorre ao determinismo espacial para compreender a relação do colono blumenauense com o seu ambiente.

O ambiente forma o homem e o seu caráter, e os blumenauenses têm certas peculiaridades causadas pelo ambiente em que vivem. Ser sedentário, amar sua terra, seu lar são qualidades específicas dos alemães. Estas características aqui são bem menos acentuadas do que nos agricultores da Alemanha. É consequência da exploração irracional generalizada da terra. [...] O agricultor trata sua terra como os pais tratam os seus filhos. Quanto mais os pais se sacrificam pelos filhos, tanto é o amor filial. Com muito trabalho e sacrifício o agricultor alemão melhorou a produtividade da sua terra, ama-a tanto que não a deixará na velhice sob qualquer circunstância. Em Blumenau se nota o contrário! Colonos idosos, que já se tornaram avós, vendem sua terra ou deixam-na para o filho e se assentam novamente na floresta. O solo para eles só tem valor enquanto ele pode ser explorado, não investem nada para que tenha valor permanente. Mas isto mudará com a cultura intensiva, como já aconteceu em parte nas velhas regiões de Blumenau<sup>67</sup>.

Lacmann, em 1903, visitou Blumenau e a Colônia Hansa (Ibirama) atribuindo ao clima as mudanças físicas dos europeus na América. Na aparência física “houve uma metamorfose”<sup>68</sup> sem representar uma inferiorização dos colonos de Blumenau.

Mas não se pode falar em degeneração da raça: a cor da face dos nascidos aqui tem uma leve tonalidade amarela; de modo geral, são de estatura e porte um pouco menores que o agricultor alemão; há um número acima do normal de pessoas altas e magras e, chama a atenção a frequência dos dentes mal conservados. [...] Nas regiões de colonização, a mescla com brasileiros é relativamente rara. Em virtude disto, mantiveram-se as características do tipo germânico e tive a impressão de que a presença de olhos azuis e cabelos louros está acima da proporção em relação à Alemanha. Urna constatação que me foi confirmada por outros!<sup>69</sup>

<sup>64</sup> GERNHARD, Robert. O município de Blumenau. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, t. XXXIX, n. 11/12, nov./dez., p. 46-80, 1998, p. 51.

<sup>65</sup> OS ADMINISTRADORES de Blumenau. 5º - Dr. José Bonifácio da Cunha. Blumenau: **Blumenau em Cadernos**, t. II, n. 12, dez., p. 233-235, 1959, p. 233.

<sup>66</sup> ZILLIG, Cezar. **Fritz Müller, meu irmão**. Blumenau: Cultura em Movimento, 2004. p. 124, p. 54.

<sup>67</sup> *Ibidem*, p. 68.

<sup>68</sup> LACMANN, W. Cavalgadas e Impressões no sul do Brasil. Blumenau. **Blumenau em Cadernos**, t. XXXVIII, v. 11/12, p. 09-55, 1997, p. 27.

<sup>69</sup> *Ibidem*, p. 27.

Essa metamorfose atribuída por Lacmann representa a influência do determinismo geográfico.<sup>70</sup> Lacmann associa a influência do meio ambiente do país na adaptação da nova geração em outros aspectos. Os colonos tornaram-se mateiros e caçadores com a mesma habilidade dos nativos, e a familiarização dos nascidos com cavalos e selas para vencer as grandes distâncias e o mau estado dos caminhos e estradas. Destaca a superioridade do alemão no manejo da terra sem deixar de mencionar algumas virtudes do brasileiro.

Num ponto o alemão não pode comparar-se com o brasileiro: na despreziosidade. No cultivo da terra ele é muito superior ao nativo. O brasileiro é extremamente hábil e rápido ao derrubar árvores e ao roçar. Mas falta-lhe a força física, conseqüência da alimentação. Também não tem a força de vontade e perseverança do alemão. Ele necessita de pausas para descanso durante o trabalho, e depois de alguns dias ou semanas, recolhe-se para descansar por um bom tempo, fumando seu cigarro no seu rancho.<sup>71</sup>

Um elemento interessante nos relatos de muitos viajantes que visitaram o Vale do Itajaí é o fato de serem alemães, e estabelecerem familiaridade com os imigrantes e seus descendentes. Há uma busca pelo conhecido por frequentes comparações entre os novos elementos e os elementos já conhecidos pelo viajante. Ferreira aborda os discursos diferentes ao analisar as controvérsias entre as etnias da comunidade teuto-brasileira e luso-brasileira do Vale do Itajaí. Afirma que Lacmann “[...] trazia em seu imaginário, um desejo ‘civilizador’ [...]”. E “Em geral, os viajantes alemães não eram condescendentes ao registrar a conduta dos ‘brasileiros’ [...]”, representações também consideradas por Lacmann<sup>72</sup>. Conforme a autora, os discursos revelam a superioridade alemã e a influência do pensamento na Europa no século XIX de teorias como a da evolução das espécies, as medições craniométricas e análises biológicas, o determinismo geográfico, o “darwinismo social” e a eugenia. O germanismo é o ponto central dos relatos de Lacmann. Utilizando-se de conceitos raciais, o viajante lista uma série de características que diferenciam o brasileiro do teuto-brasileiro.

Da segunda metade do século XIX e início do século XX, vários viajantes percorreram a Colônia e produziram materiais utilizados para a investigação historiográfica ambiental, como livros, diários e cartas. Nessses documentos estão expostas as perspectivas acerca das condições e descrições dos aspectos culturais e econômicos, do meio físico e da paisagem da

<sup>70</sup> FERREIRA, Cristina. Identidade e cidadania na comunidade teuto-brasileira do Vale do Itajaí. In: Ferreira, C.; Frotscher, M. (Orgs.). **Visões do vale: perspectivas historiográficas recentes**. Blumenau. Editora Nova Letra, 2000.

<sup>71</sup> LACMANN, W. Cavalgadas e Impressões no sul do Brasil. Blumenau. **Blumenau em Cadernos**, t. XXXVIII, v. 11/12, p. 09-55, 1997, p. 29.

<sup>72</sup> FERREIRA, Cristina. Identidade e cidadania na comunidade teuto-brasileira do Vale do Itajaí. In: Ferreira, C.; Frotscher, M. (Orgs.). **Visões do vale: perspectivas historiográficas recentes**. Blumenau. Editora Nova Letra, 2000, p. 75.

região. Informações também são encontradas nas cartas escritas pelos imigrantes para seus familiares na Europa, que relatam seu cotidiano e processo de adaptação no novo continente.

Os documentos analisados revelam que a maioria dos imigrantes se adaptou ao clima. Alguns manifestaram problemas de aclimatação ao se instalarem na região, mas com o decorrer do tempo superaram as dificuldades do clima, que revelou ser benéfico para a saúde dos colonos e serviu de atração para novos imigrantes. No começo de sua colônia, Dr. Blumenau trata do aclimatação dos colonos alemães, e nos primeiros cinco anos não manifesta inconvenientes em relação ao clima, momento marcado por um verão muito quente.

O clima impactou na adaptação dos colonos em outros aspectos. As restrições no cultivo de determinadas espécies condicionaram mudanças nos hábitos alimentares no cotidiano dos colonos, por exemplo, a substituição do trigo no preparo dos alimentos. O clima também foi utilizado como recurso de propaganda pelo Dr. Blumenau, propagado na Europa como fator de saúde e progresso. Os relatos de viajantes, de Dr. Blumenau e cartas de imigrantes sobre as condições climáticas tenderam a sustentar um clima saudável do Vale do Itajaí, não se devendo descartar uma possível influência da pequena idade do gelo que se manifestou na Europa em torno dos séculos XIV ao XIX. Variações no clima durante o século XIX também devem ser considerados pelos efeitos provocados no ambiente da região de estudo.

### Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. A dimensão retórica da historiografia. In: PINSKY, C. BASSANEZI; LUCA, T. R. de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.

ALVES, Débora B. Notícias de Blumenau: cartas dos irmãos Weise publicadas nos jornais da Turíngia. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, t. XLI, n. 11/12, nov./dez., p. 66-73, 2000.

APONTAMENTOS de Júlio Baumgarten. Blumenau: **Blumenau em Cadernos**, t. IV, n. 7, jul., p. 121-127, 1961.

ARAKI, Ricardo. **A história do clima de São Paulo**. 2012. 208 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

BARROS, José D.'Assunção. **Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos**. Editora Vozes, 2019.

BAUMGARTEN, Karl J. Carta de 26.10.1853. In: SCHMIDT-GERLACH, Gilberto (Org.). **Colônia Blumenau no sul do Brasil**. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2019.

BLUMENAU, Hermann B. O. **A Colônia Alemã Blumenau**: na província de Santa Catarina no sul do Brasil. Blumenau: Cultura em Movimento; Instituto Blumenau 150 anos, 2002.

CAMPOS, E. J. D. O papel do oceano nas mudanças climáticas globais. **Revista USP**, São Paulo, n. 103, p. 55-66, 2014.

CAROLA, Carlos R. A colonização e a mineração no sul de Santa Catarina, Brasil: uma história regional de dois modelos econômicos de alto impacto socioambiental (1875-1946). In: Klanovicz, J.; Arruda, G.; Carvalho, E. B. de (Orgs.). **História Ambiental no sul do Brasil: apropriações do mundo natural**. São Paulo: Alameda, 2012, p. 17-39.

DOS TEMPOS Da Colônia. Blumenau: **Blumenau em Cadernos**, t. VI, n. 5, mai., 1963.

DRUMMOND, José A. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 177-197, 1991.

FERRAZ, Paulo M. Pequena história da colonização de Blumenau – 1850-1883 (continuação). **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, t. XVII, n. 4, abr., p. 121-136, 1976.

FERREIRA, Cristina. Identidade e cidadania na comunidade teuto-brasileira do Vale do Itajaí. In: Ferreira, C.; Frotscher, M. (Orgs.). **Visões do vale**: perspectivas historiográficas recentes. Blumenau. Editora Nova Letra, 2000.

GERNHARD, Robert. O município de Blumenau. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, t. XXXIX, n. 11/12, nov./dez., p. 46-80, 1998.

GIESEBRECHT, F. E. Die Deutsche Kolonie Hansa in Südbrasilien. In: SCHMIDT-GERLACH, G. (Org.). **Colônia Blumenau no sul do Brasil**. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2019. p. 373-395.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004.

HOFFMANN, Erich. Do sul do Brasil. In: SCHMIDT-GERLACH, G. (Org.). **Colônia Blumenau no sul do Brasil**. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2019.

HOFMEISTER, Friedrich W. B. Das Colônias alemãs no Brasil. In: SCHMIDT-GERLACH, G. (Org.). **Colônia Blumenau no sul do Brasil**. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2019.

INTERESSANTE Correspondência. Blumenau: **Blumenau em Cadernos**, t. 7, n. 10, p. 196-200, 1966.

JUNQUEIRA, Mary A. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: JUNQUEIRA, M. A.; FRANCO, S. M. S. (Orgs.). São Paulo, **Cadernos de Seminários de Pesquisa**, v. 2, USP: Humanitas, 2011.

KILIAN, Frederico. A “Culturverein”. Blumenau: **Blumenau em Cadernos**, t. II, n. 5, mai., p. 87-89, 1959.

LACMANN, W. Cavalgadas e Impressões no sul do Brasil. Blumenau: **Blumenau em Cadernos**, t. XXXVIII, v. 11/12, p. 09-55, 1997

LISBOA, Karen Macknow. O Brasil dos naturalistas Spix e Martius. **Acervo**, v. 22, n. 1, jan-jun, p. 179-194, 2011.

MARTINEZ, Paulo. **História ambiental no Brasil: pesquisa e ensino**. São Paulo: Cortez, 120 p. 2006.

MURARO, Valmir F. Sobre fronteiras e colonização. In **História da Fronteira Sul**. Organizadores: José Carlos Radin, Delmir José Valentini, Paulo A. Zarth. Chapecó: Ed. UFFS, 2016. p. 167-189.

NICOCELI, Vanessa; FERREIRA, Cristina. O regresso do colonizador: representações, usos da memória e mito fundador em Blumenau – 1974. Blumenau, **Blumenau em Cadernos**, t. 52, n. 6, nov-dez, 2011. p.22-49.

OLIVEIRA, Mariana Luiza de; FERREIRA, Cristina. A Colônia Blumenau nas exposições universais: premiações e representações (1860-1883). Blumenau, **Blumenau em Cadernos**, t. 52, n. 5, set-out, 2011. p.20-39

O VALE do Itajaí em 1855. Blumenau: **Blumenau em Cadernos**, t. III, n. 10, out., p. 181-185, 1960.

OS ADMINISTRADORES de Blumenau. 5º - Dr. José Bonifácio da Cunha. Blumenau: **Blumenau em Cadernos**, t. II, n. 12, dez., p. 233-235, 1959.

PADUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estud. av.**, São Paulo, v. 24, n. 68, p. 81-101, 2010.

PAINEL BRASILEIRO DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS. Base científica das mudanças climáticas. **Contribuição do Grupo de Trabalho 1 do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas ao Primeiro Relatório da Avaliação Nacional sobre Mudanças Climáticas** (AMBRIZZI, T.; ARAUJO, M., eds.). COPPE: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 464 p.

PESAVENTO, Sandra J. **História & história cultural**. 2ª Edição, Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RELATÓRIOS do Dr. Blumenau 1856 (continuação). Blumenau: **Blumenau em Cadernos**, t. II, n. 4, abr., p. 68-70, 1959a.

RELATÓRIOS do Dr. Blumenau 1856 (continuação). Blumenau: **Blumenau em Cadernos**, t. II, n. 2, fev., p. 25-28, 1959b.

RELATÓRIOS do Dr. Blumenau. Blumenau: **Blumenau em Cadernos**, t. I, n. 6, abr., p. 103-109, 1958.

RELLY, Eduardo. A agricultura e floresta dos alemães no Brasil: mobilidade, conhecimentos e transfers no Urwald (século XIX). **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, jan./abr., p. 1-16, 2020.

SALOMON, Marlon. **Arquivologia das Correspondências**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

SALOMON, Marlon J. **As correspondências: uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002. 103 p. il.

SARAT, Magda. “Literatura de viagem”: olhares sobre o Brasil nos registros de viajantes estrangeiros. **Patrimônio e Memória**, Assis, v. 7, n. 2, dez., p. 33-54, 2011.

SANTOS, Manoel Teixeira dos. **Vida e trabalho na floresta**: uma análise da interação entre imigrantes e a floresta nas colônias do vale do Itajai e norte de Santa Catarina durante a segunda metade do século XIX. 2004. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina.

TSCHUDI, Johann Jakob von. **As Colônias de Santa Catarina**. Blumenau: CNPq: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988. VENÂNCIO, Giselle Martins. Cartas de Lobato a Vianna. In: GOMES, Â. de C. (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004, p.111-137.

VINCE, Szendrői Geöcze István Gyula Ignác. Viagem ao Brasil e Retorno. In: SCHMIDT-GERLACH, Gilberto (Org.). **Colônia Blumenau no sul do Brasil**. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2019.

VOIGT, André F. **Cartas reveladas**: a troca de correspondências entre Hermann Blumenau e Johann Jacob Sturz. Blumenau: Cultura em Movimento, 2004.

VON GREUL. As colônias alemãs nos distritos brasileiros de Blumenau e Brusque publicado por decisão dos membros do Senado 11/1897. Blumenau, **Blumenau em Cadernos**, t. XLIII, n. 07/08, jul./ago., p. 9-31, 2002.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215, dez. 1991.

ZILLIG, Cezar. **Fritz Müller, meu irmão**. Blumenau: Cultura em Movimento, 2004.

ZÖLLER, Hugo. Os alemães na floresta brasileira. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, t. XXXI, n. 5, mai., p. 139-155, 1990.